



JORNADAS
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E
HUMANÍSTICOS
DE PARINTINS

ANAIS

UEA-UFAM
Latinitates

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2022

- A. Freire (1987) **Gramática latina**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- O. A. Furlan, R. Bussarello (1997) **Gramática básica do latim**. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- V. Kehdi (2007) **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática.
- J. L. Monteiro (2002) **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes.
- M. C. Rosa (2019) **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto.
- F. de Saussure (2008) **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix.



O ENSINO DE LATIM EM PARINTINS: NOVAS PERSPECTIVAS

Weberson Fernandes Grizoste [CESP-UEA]

Ana Paula de Sousa Abecassis [CESP-UEA]

Resumo: *Considerando a importância do estudo de línguas clássicas para a formação de professores de Língua Portuguesa e o panorama histórico e atual do Latim no Brasil, este artigo discute as novas perspectivas para o ensino desta língua na cidade de Parintins, com destaque à criação de um novo manual e à nova metodologia que serão utilizados em aula, buscando um maior envolvimento do estudante de Letras no processo de aprendizagem do Latim através do uso de textos e elementos lexicais contextualizados às peculiaridades sociais e culturais da região parintinense.*

Palavras-chave: ensino, método, latim, professor, português.

O latim está na gênese de todas as línguas românicas. Williams (1961, pg. 15) destacou que, enquanto o latim clássico tornou-se cada vez mais uniforme sob influência da cultura e do aprendizado, o latim vulgar se tornou cada vez mais diversificado na medida em que se disseminou pela vasta expansão do Império Romano. Assim, à medida que o latim clássico avançou a tornar-se uma língua morta, o latim vulgar desenvolveu-se nas chamadas línguas românicas ou neolatinas. Logo o estudo do Latim vulgar é essencial no processo de compreensão plena das estruturas das línguas modernas, e, portanto, uma disciplina imperativa na formação de professores de Língua Portuguesa. Apesar disso, durante um longo tempo viveu-se, nas palavras de Melo (2013, pg. 32), um “declínio da disciplina de Língua

Latina e sua atividade docente nos Cursos de Letras na Educação Brasileira”. Em Parintins não foi diferente. A última grade do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, possuía apenas uma disciplina de Latim e outra de Literatura Latina.

A ministração da disciplina de Latim na Instrução Pública e Superior já teve caráter obrigatório. Porém, após a Revolução Industrial, surgiu a necessidade de adaptar o currículo escolar a um utilitarismo imediato, um requisito da modernidade e da produção em larga escala:

concentraram-se os esforços na preparação do indivíduo e da sociedade para o uso dos recursos tecnológicos e na universalização do ensino. Há na LDB/1961 a preocupação de oferecer ensino a todos, estabelecer um currículo mínimo e obter resultados práticos e imediatos. Nesse quadro o ensino de Latim no ensino de línguas clássicas no secundário não faz sentido (HECK, 2013, pg. 28).

Estas medidas justificaram-se numa suposta falta de utilitarismo imediato e prático, a que esta sociedade tecnocrática submete todo o ensino (GOUVEIA, 1973, p. 89; cf. GRIZOSTE, 2021, p. 148). Assim, a suposta inutilidade do latim acabou reforçada pelas ideias desenvolvidas em virtude dos padrões sociais do capitalismo, de produção célere e de larga escala e pela globalização, que priorizam o ensino de línguas modernas, sobretudo aquelas que possuem mais falantes, para atender aos requisitos do mercado de trabalho em detrimento do ensino de línguas clássicas.

Com a promulgação da LDB de 1961, estabeleceu-se definitivamente a ausência dos estudos obrigatórios de Latim na educação básica brasileira. Para Leite e Castro (2014, p. 235) foi um golpe definitivo, que levou os estudos clássicos não só a perderem a supremacia que exerciam na Instrução Pública, mas também a desaparecerem das práticas escolares. Embora a disciplina do Latim no Brasil tenha percorrido este período desfavorável, atualmente, percebe-se um novo crescimento do interesse pela língua romana, renascimento:

O mundo mudou muito nas últimas décadas e, mais ainda, o Brasil. A destruição dos conceitos normativos –

segundo os quais todos devemos ser iguais e obedecer às normas – levou consigo os usos reacionários do mundo antigo. O ressurgimento do interesse generalizado pela Antiguidade Clássica deu-se, em primeiro lugar, para compreender a nossa própria civilização, tão ancorada no mundo antigo (PRATA e FORTES, 2015, pg. 12).

Cada vez mais, os estudos sociais, culturais e políticos buscaram situar as suas raízes nos estudos clássicos. Difunde-se a ideia que esteve latente em que para compreender o presente, primeiro é preciso compreender o passado e buscar aí as suas heranças. Isto provocou maior procura pelos estudos clássicos e o reconhecimento de que o latim não merece ser estudado apenas para conhecermos os fatos passados ou para traduzirmos os romanos, mas para compreendermos através de estudos filológicos o legado linguístico deixado nas línguas românicas pela língua do Lácio. Assim, como observa o professor Carlos de Jesus (2022, pg. 15): “quando era de se esperar que o latim se esvaísse de vez do mundo acadêmico, ele ganha mais força e cada vez mais as diversas áreas do conhecimento voltam sua atenção para o universo antigo”.

Apesar disto, o crescimento da busca pelo Latim não significa o fim da resistência ao estudo da disciplina por parte de alguns alunos da graduação em Letras, iniciantes nos estudos clássicos – e inclusive de professores de língua portuguesa. Um dos fatores que contribuem para a aversão aos estudos latinos está a utilização de métodos e processos obsoletos, incapazes de captar o interesse dos alunos; o predomínio de gramaticalismo; o apelo abusivo à memorização e o estudo da língua desvinculado da civilização romana (FARIA, 1973, p. 65-66; cf. GRIZOSTE, 2021, p. 146). Desde a introdução dos estudos de Latim no Brasil, no século XVI, pela pedagogia jesuítica até os dias atuais, a metodologia predominante é fundamentada na gramaticalidade, com a memorização sendo utilizada como base para fixar uma profusão de regras gramaticais, promovendo, assim, um distanciamento da compreensão das relações naturais entre o Latim e o Português:

o latim não deve ser visto apenas como um pretexto para se aprender análise sintática nem deve ser ensinado por meio de memorização. Provavelmente assim se torna um estudo sem sentido para o aluno e de difícil assimilação;

a consequência é a rejeição. E, lamentavelmente, esse ensino desde sua inserção no Brasil tem sido aplicado desse modo (RIBEIRO, 2015, pg. 12).

Este recurso da memorização contaminou, inclusive, o estudo da língua portuguesa na educação básica – método que também está a ser combatido atualmente. Assim, há uma influência negativa no nível de conhecimento linguístico do aluno que chega ao Ensino Superior, e, conseqüentemente, em sua competência para aprender a estrutura de uma língua clássica. Como afirmam Coelho, Furlan e Nunes (2012, pg. 33): “a gramática tradicional portuguesa foi estabelecida a partir da gramática latina, e o conhecimento daquela é imprescindível para o conhecimento desta”. Comumente, o desconhecimento da gramática tradicional do português está na raiz das dificuldades para o aprendizado de latim. Embora isto não impeça que o aluno aprenda o latim, impede que estabeleça quais as relações vivas que o latim mantém com a língua portuguesa.

Assim, em virtude da deficiência no domínio de gramática de Língua Portuguesa, o professor, que já não dispõe de um tempo insuficiente para a ministração eficaz da gramática latina, sente-se obrigado a reservar algum tempo para ir a um conteúdo que devia ter sido aprendido anteriormente:

E assim, quando o aluno toma contato com o latim nos cursos de Letras que ainda o mantêm, geralmente parte-se do zero – pelo fato, quase sempre, da carência de base da gramática normativa da língua portuguesa por parte do alunado, mesmo sendo de nível superior. [...] se o aluno tem dificuldades no ensino da língua materna, a rejeição ao latim dispensa explicações (RIBEIRO, 2015, pg.11).

Estas coisas, aliadas a uma metodologia arcaica pautada no ensino de declinações e memorização, tornam ainda mais difícil o aprendizado e contribuem para a resistência ao estudo do latim. Essa metodologia aposta no abuso dos recursos das declinações, o que torna a aula monótona e pouco produtiva. Somente colocado diante das unidades semânticas do latim é que o aluno será capaz de perceber as estruturas sintáticas, bem como as semelhanças e diferenças com o português (GRIZOSTE, 2021, p. 150); e que o Latim não é apenas um conjunto de regras gramaticais para se memorizar – que “o português e o latim são, de fato, duas variedades de uma mesma língua” (JESUS,

2022, pg. 17).

A razão para o professor do Latim recorrer mais à gramática do que a outros métodos de ensino atualmente mais aceites pela comunidade de linguística é porque o seu ensino não pode ser feito como seria se fosse uma língua moderna, visto que esse estudo se limita aos registos escritos da literatura antiga ou produzidos, na atualidade, por quem aprendeu e dominou a língua, já que não existe falantes nativos. Não nos esqueçamos ainda que, uma das funções do ensino de latim, no curso de Letras, conforme explicitado por Leni Leite (2021, p. 199) e com a qual estamos inteiramente de acordo, é que o professor de língua portuguesa precisa conhecer os rudimentos da cultura e da literatura latina, talvez mais que da língua, uma vez que esta cultura e literatura escritas em latim atravessaram séculos e foram sementes nas culturas e literaturas europeias ocidentais. Assim, é imprescindível que o futuro professor de língua portuguesa seja capaz de sozinho encontrar essas conexões. Portanto, há que fugir da gramaticalidade e recorrer a métodos diferentes daqueles que se tem aplicado com abuso à memorização e excessiva declinação.

A simples memorização de dados gramaticais pode, em certa medida, proporcionar uma “decodificação” do texto latino, ou seja, algo que permita ao aluno realizar uma leitura em primeiro nível, em que se depreendam os conteúdos superficiais. Porém, isso em nada pode garantir a compreensão do texto numa dimensão mais aprofundada. Rever os métodos e os processos consagrados pela tradição, à luz dos ensinamentos lingüísticos, numa tentativa de aproximar o aprendizado do latim de um processo mais natural, é a condição necessária para derrubar o mito de supralíngua e entendê-la como língua materna, isto é, em sua dimensão humana” (LONGO, 2006, pg. 26).

Assim, preocupados com um método de ensino que atenda as tendências filológicas e a iniciação ao repertório literário e cultural latino; preocupados que o futuro professor de língua portuguesa seja capaz de perceber as contribuições que o aprendizado de latim fornece à sua formação; preocupados com inquietações que encontraríamos, mais tarde, em Leni Leite (2021, pp. 199-200), a saber: que o aluno de Letras precisa conhecer os rudimentos da cultura e literatura latina, que

o aluno precisa ter noções da língua latina, que o aluno possa adquirir condições de ler textos, que o aluno seja capaz de vislumbrar possibilidades conforme o avanço do conhecimento do idioma, e que seja capaz de lembrar do latim com alegria e não com horror; construímos o projeto *In Hoc Signo Vincet*, cujo objetivo central foi a busca de um ensino que utilizasse o método indutivo dado às circunstâncias históricas em que estamos envolvidos no Brasil, partindo paulatinamente do conhecimento local para o conhecimento do mundo antigo:

Ainda no plano pedagógico, precisamos de uma iniciação ao latim que leve em consideração a familiaridade dos alunos ao explorar as características culturais, regionais e históricas do Brasil como uma tentativa de induzir a motivação no aluno. [...] As heranças latinas no Brasil, tal como em toda América Latina, mais do que na Europa, são abstrações que podem passar despercebidas se não houver uma pedagogia intuitiva (GRIZOSTE, 2021, pg. 154).

O projeto culminou, mais tarde, em pesquisa de gratificação por produtividade acadêmica, agora em andamento, “o ensino de latim no contexto da formação de professores de língua portuguesa no CESP-UEA”. O propósito inicial do *In Hoc Signo Vincet* é a criação de um material didático que combata a cultura do apostilamento, pois em geral, os manuais de latim são densos e preparados para postulantes a seguir carreira nos estudos clássicos, sem levar em consideração as peculiaridades e concisão da disciplina nos cursos de licenciatura e bacharelado em Letras (cf. GRIZOSTE, 2021, pp. 152, 155), e os estudos «como em quase todo curso de Letras» têm sido feitos com base em fragmentos de compêndios e manuais de gramática que «não raro» desvalorizam financeiramente a propriedade intelectual.

Recentemente, a atualização do Plano Pedagógico do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins devolveu o Latim II ao núcleo das disciplinas obrigatórias. Assim, somado ao Latim I e a Literatura Latina, os Estudos Clássicos correspondem a 180 das 2.175 horas da carga horária teórica obrigatória – possibilitando ainda ao aluno interessado, através das optativas exigidas como complemento à carga teórica total, ingressar-se às disciplinas que comumente já vinham sendo ofertadas, a saber, Linguística Românica,

Latim III, Latim IV, Latim V, Literatura Latina II e Literatura Grega, e ainda na esteira da filologia clássica, a disciplina de Etimologia. Além disso, temos desenvolvido dezenas de projetos de iniciação científica que tem por base a investigação do Latim, bem como os estudos clássicos; projetos de extensão que levam o ensino para além das fronteiras da Universidade – dentre os quais, destacamos, o projeto “Latim em LIBRAS” que consiste em lições gravadas e editadas para o canal Latinitates, na plataforma do YouTube (cf. LEAL, GRIZOSTE, 2022). O interesse dos académicos manifesta-se em estudos monográficos voluntários, desde estudos da cultura romana, tradução do latim, até os estudos de recepção clássica. A isto, soma-se ainda a participação, a realização de eventos e a publicação de centenas de trabalhos na área.

Enfim, as preocupações elencadas, os recentes avanços nos Estudos Clássicos em Parintins, inclusive recém a criação do primeiro grupo de pesquisa na área no interior do estado, conduzem-nos ao desafio da criação de um manual “que observe a concisão, as especificidades e os desafios de futuros professores de língua portuguesa” (GRIZOSTE, 2021, p.153).

O processo de criação do manual define-se nessas etapas: a seleção de autores e textos latinos para tradução, seleção de excertos de textos que estejam de acordo com a proposta do projeto, seleção de vocábulos que aproximem o ensino do Latim às características parintinenses, tais como *fluvius, nauta, piscator, piscari, insula e silva* (rio, marinheiro, pescador, pescar, ilha e selva), construção de exercícios de latim, criação de um vocabulário bilingue dos termos utilizados no manual e a disponibilização destes vocábulos, textos e exercícios na plataforma Latinitates para possibilitar a consulta virtual e gratuita, tornando o material mais acessível.

As primeiras lições deverão pautar elementos locais, através de frases artificiais com estrutura latina para tradução; e só adiante introduziremos os textos clássicos. A cada lição, pautaremos elementos de filologia clássica, de forma que o aluno perceba as dificuldades da língua portuguesa explicadas apenas com o estudo do latim. Fornecemos um exemplo para ilustração: para que o aluno entenda substantivos femininos e masculinos com desinência *-a* é necessário mostrarmos as suas relações com a primeira declinação. Aproveita-se aí para demonstrar fenômenos evoluções fonéticas de palavras da lição.

Na primeira declinação, por exemplo, *silva* tornou-se selva, em termos fonéticos «comum troca do *i* pelo *e*, em português, *advogado*>*adevogado*); que *turbida*>*turva* cuja passagem do *v* pelo *b* «*vassoura*>*bassoura*», ou a queda do átono paroxítono *-id-* de *túrbida* «como em *lâmpada*>*lampda*>*lampa*». Ao cabo, a realização de exercícios de tradução, iniciando com frases até evoluir para textos de autores latinos.

Nas palavras da professora Giovana Longo: “O que deve ser esperado como resultado de todo processo de aprendizagem é a construção de um *saber consciente*. E isso só é possível através de uma prática constantemente acompanhada por uma reflexão sobre questões de linguagem” (2006, pg. 26). Neste caso, essa reflexão será realizada através da presença do recurso diacrônico e do diálogo entre o Latim e as peculiaridades da cultura de Parintins que permeiam a fala da Língua Portuguesa nesta região, sempre com o foco no uso de frases e termos latinos que se aproximem da linguagem regional e do diálogo sobre as ligações da Língua Latina com as línguas derivadas dela, procurando cumprir o objetivo de apresentar o aluno à língua clássica através de sua própria cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- F. Coelho; M. Furlan; Z. G. Nunes (2012). **Língua Latina I**. Florianópolis: LLV, CCE, UFSC.
- M. R. D. Heck (2013). **O ensino do Latim no Brasil: objetivos, método e tradição**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (monog. policop.).
- W. F. Grizoste (2021). «O ensino de Latim no contexto de formação de professores de Língua Portuguesa» **Revista Philologus** 79 pp: 147-159.
- C. R. R. Jesus (2022). **Introdução à Língua Latina**. Curitiba: Appris.
- L. Leal; W. F. Grizoste (2022). «Latim em LIBRAS» **Caderno de Resumos da XIII Semana de Letras** pp. 93-95.
- L. R. Leite (2021); «Latim, por que e como? As bases para a criação de um método» **Revista Intertexto** 14. pp. 191-208.
- L. R. Leite; M. B. Castro (2014). «O ensino de língua latina na Universidade brasileira e sua contribuição para a formação do graduando em Letras». **Organon** 56. Pp. 223-244.

- G. Longo (2006). **Ensino de Latim: problemas linguísticos**. Araraquara. UNESP. (dissert. Policop.).
- P. A. G. Melo (2013). «Linguagem e ensino: a Língua Latina curricular e atividade docente no curso de Letras» **Revista EnsiQlopédia** 1. pp: 32-47.
- P. Prata; F. Fortes. Orgs. (2015). **O Latim hoje: reflexões sobre cultura clássica e ensino**. Campinas. Mercado de Letras.
- D. H. P. Ribeiro (2015). «Agoniza no Brasil o ensino do Latim» **Revista Transformar** 7. pp: 8-19.



ENEIDA – UMA ANÁLISE DA FIGURA FEMININA NA ROMA ANTIGA E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE MODERNA

Anália Luísa Freire Holanda [ENS-UEA]

(orientador) Francisco de Assis Costa de Lima [ENS-UEA]

Resumo: *Através de Eneida (19. a.C.), épica sobre o surgimento de Roma, pode-se observar de que maneira as mulheres eram retratadas na Antiguidade e em como tais representações e comportamentos ainda são presentes. Ao proceder o estudo das personagens através de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica procura-se evidenciar violências de gênero como silenciamento, culpabilização e invisibilidade da mulher. Traçando o paralelo da representação feminina na Antiguidade Clássica com a Modernidade compreende-se o papel da literatura ao tratar da figura da mulher e seus impactos sociais. Para tratar dessa temática contribuem autores como Adriano (2021), Beard (2017) e Manso (2012).*

Palavras-chave: Representação Feminina; Violência de Gênero; Literatura Clássica; Eneida.

INTRODUÇÃO

Roma permanece no pensamento moderno seja na civilização, política ou cultura. E esse pensamento envolve inclusive a maneira como as mulheres são vistas. Os estereótipos e silenciamentos femininos não surgiram recentemente, eles vêm sendo cultivados